

_____. Writing is a technology that restructures thought. In: DOWNING, P.; LIMA, S. D.; NOONAN, M. (Ed.) *The linguistics of literacy*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 293-319.

PRICE-WILLIAMS, D. R. A. A study concerning concepts of conservation of quantities among primitive children. *Acta Psychologica*, 18, p. 297-305, 1961.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: University Press, 1984.

SCRIBNER, Sylvia. The cognitive consequences of literacy. In: _____. *Mind and social practice. Selected writings of Sylvia Scribner*. Ed. E. Tobach, R. J. Falmagne et al. Cambridge: University Press, 1997. p. 160-89.

VAN DIJK, Teun. *Ideology. A multidisciplinary study*. London: Sage, 1998.

VIGOTSKY, Leon S. *Denken und Sprechen*. Berlin: Fischer Verlag, 1974.

Abstract: *Taking writing as a way of representing the enunciation of the language but not a simple representation of the speech, this analysis discusses the polemic thesis of the cognitive effects of the introduction of writing as a social practice. It is considered if writing is, together with speech, a form of knowledge transmission or a source of knowledge production. To what extent can we accept that reading has changed after the birth of writing, specially verbal writing and its alphabetical form? What do we say about these assertions: "writing has restructured thought and introduced new ways of thinking"? What do we think about thesis like "people without writing and people with writing have a diverse relationship with their own history"? Is it true that the control of the written language allows us to develop brand new mental activities in the usage of the language? Do individuals with none or with a low level of literacy see the world in a different way than individuals that dominate writing with a high degree of proficiency? On the other side, to what extent speech offers forms of the world's discursive appropriation that writing ignores or suffocates? It is a delicate question and maybe a pseudo-problem, as long as we consider speech and writing as complimentary forms of the social usage of language e world's appropriation.*

Keywords: *writing; orality; reading; literacy.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO: UMA POÉTICA DO RIGOR*

Luis de Matos**

Nunca será fácil escrever, falar ou discutir sobre os grandes artistas. Ainda bem que eles inventaram suas próprias obras. Um Niemeyer vive em suas formas, no concreto preciso e nos volumes sensuais que lembram a singular beleza da mulher brasileira. Milton Nascimento está em sua voz. Precisamos fazer a experiência de uma obra. Não existe outro caminho. E por falar nesses grandes, que não são apenas nomes, mas a matéria encarnada numa cultura, gostaria de lembrar a perda do engenheiro-poeta, pois dos engenhos pernambucanos verteu poesia, chamado João Cabral de Melo Neto. Quase três meses e uma certa orfandade poética ainda nos assola. Quando morre um Tom Jobim o Brasil chora, mas o Rio de Janeiro chora, soluça e atinge uma cor em sua tristeza que nenhum outro estado se lhe compara. Quando se despede de nós um João Cabral, de norte a sul, de leste a oeste, vive-se a perda irreparável de um canto único, diamante podado que se quis lâmina. Maior é a dor de um Nordeste que tem gerado uma plêiade de artistas universais – Jorge Amado, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, e muitos outros. Mas acredito que a dor maior de todas, absolutamente sozinha em seu sofrer, seja a dos pernambucanos. Vale lembrar provocativamente, como só ele quis ser ao longo de sua vida, suas palavras tão certeiras, como faca de gume prateado, que afirmavam o quanto ele se sentia poeta pernambucano e quase nada brasileiro. Mas não confundamos essa idéia. João Cabral nunca foi um "regionalista". Muito pelo contrário, desde cedo, em seu primeiro livro, *Pedra do sono*, verificamos uma

* O texto foi apresentado em forma de palestra na Semana de Letras da Universidade Tiradentes – SE. Logo, o uso de uma linguagem um pouco mais coloquial torna-se visível já em suas primeiras linhas.

** Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Tiradentes (Unit).

sintonia com a produção vanguardista, fosse ela na linha de um cubismo ou levemente surrealista.

Como afirmei no início deste texto, nunca será fácil escrever sobre aquilo que é grande; grande porque é de todos, mas que exige um grande vetor para lhe dar forma e direção. Digo que é de todo, pois o homem esquecido na sombra do carnaval, o sertanejo absorvido na sua dura, ácida, rude e bela tarefa, o seringueiro das matas amazônicas, ou mesmo o trombadinha de um Rio de Janeiro tão difícil e quase sem solução, todos nós, enfim, fazemos parte, tenhamos ou não consciência disso, da matéria que alimenta músicos, arquitetos, pintores, escritores – artistas, no melhor sentido da palavra. E é por ser difícil falar e pensar sobre os grandes nomes de nossa cultura que devemos ter orgulho, e obstinação, em viver no mundo das Letras. E por falar em Humanidades, vale lembrar da Universidade de Coimbra, e dois de seus melhores estudantes, Luís de Camões e Eça de Queirós. A universidade tem hoje um papel central no combate aberto a essas novas formas de barbárie que vêm assolando os quatro cantos do mundo. Mais do que um foco de resistência frente aos problemas atuais, a universidade precisa manter-se enquanto centro difusor do patrimônio artístico de nossa sofrida cultura. É essencial acreditar na vida acadêmica, mesmo com as intempéries que nos acompanham há décadas. Por isso, vou tentando alinhar algumas linhas sobre o engenheiro da composição, arquiteto da palavra, João Cabral de Melo Neto.

Nascido em 1920, às margens do Capibaribe, vivendo sua primeira infância nos engenhos de família, João Cabral impregnou-se da terra e de sua gente mais sofrida. Aos domingos costumava ler poemas de cordel para os empregados. Com dez anos Recife o recebe, torna-se aluno do colégio marista e apaixonou-se pela arte da peleja – o futebol. Paixão essa que se alongou pela vida afora, gerando alguns poemas famosos. Vale citar um pequeno trecho do poema “Ademir da Guia”:

Ademir impõe com seu jogo
o ritmo do chumbo (e o peso)
da lesma, da câmara lenta,
do homem dentro do pesadelo.¹

¹ MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986. p. 383.

Mas Recife lhe oferecia mais: o Café Lafayette, ponto de encontro da intelectualidade da época, permitiu-o conhecer o crítico Willy Lewin e o pintor Vicente do Rego Monteiro.

Na década de 1940, muda-se para o Rio de Janeiro, tomando contato com os grandes nomes da trilha modernista: Manuel Bandeira, Murilo Mendes e, o mais importante de todos para o poeta, Carlos Drummond de Andrade.

Mas viver tem suas voltas. Em 1945 aventura-se, com sucesso, pela carreira diplomática e lança seu terceiro livro, *O engenheiro*, obra que já apresenta uma de suas principais características: o empenho construtivista, a escrita enquanto elaboração intelectual; jamais como qualquer forma de inspiração divina, fato aliás que o poeta sempre recusou acreditar. Importante citar, também, dois diálogos estéticos que ele manteve ao longo de sua travessia poética: o primeiro, com um dos maiores arquitetos deste século, Le Corbusier; e o segundo, com Paul Valéry, poeta sempre preocupado com a metalinguagem.

Outro registro biográfico que marcou fundo a obra cabralina – sua viagem para Barcelona, como vice-cônsul. A Espanha, e mais geoamorosamente Sevilha, foi sua segunda pátria. Recife e Sevilha são, declaradamente, as duas inesquecíveis cidades que o poeta procurou cantar. Para os amantes das artes plásticas lembro de sua amizade como Joan Miró e seu belo ensaio de 1950, simplesmente intitulado *Joan Miró*. Sua paixão naquela época diversifica-se por entre touradas, bailadoras andaluzas, os toureiros, enfim, o genuíno de uma Espanha rica e multicultural.

Sua profissão o fizera viajar por muitos países: Inglaterra, Senegal, Honduras, Portugal e tudo isso traduziu-se em uma obra de uma riqueza e universalidade pouco presenciada entre nossa tradição poética. Lembro aqui do poeta Murilo Mendes, poeta mineiro-mundial, que viveu na Itália e que dialogou com artistas de grande calibre, fosse um Ezra Pound, Francis Picabia, Pablo Picasso, o poeta Ungaretti e muitos outros valores europeus.

Em relação à obra de João Cabral vale acentuar, sempre, que ela construiu uma catedral de precisão e rigor, onde a linguagem está muito mais a serviço da elaboração, do planejamento, digamos, lingüístico, do que da vazão desenfreada que tanto adocicou nossa poesia, mesmo nas obras de nossos grandes poetas. O que torna João Cabral de Melo Neto uma voz única, mas frutificante, é o compromisso, assumido, consciente, com um rigor, um fazer poético que nos exige esforço e atenção redobrada, mas que ao término desse percurso de leitor exigente-exigido surge uma felicidade que só os grandes mestres podem nos oferecer. Não há derrá-

mamento em seus versos, apenas construção. Cada poema, cada verso, cada estrofe e, mais do que isso, cada palavra, tem o peso e o lugar certos – trabalho de um arquiteto preciosista mas dádivoso, pois nos entrega uma das melhores obras, não só em termos nacionais mas também da poesia universal deste século. Infelizmente a língua portuguesa ainda luta para alcançar o espaço que merece pois já conta com mais de um milênio de vida, ainda que sob outras formas e misturas ibéricas.

João Cabral é ponte indiscutível entre o que os modernistas, no meu entender, fizeram de melhor (a obstinação em pesquisa de linguagem) e a geração dos concretistas, da década de 50. E por falar em concretismo, as palavras de Augusto de Campos merecem espaço:

Foi o maior poeta da modernidade brasileira, o engenheiro preciso e conciso que plantou os alicerces da nova poesia a desenvolver-se na segunda metade deste século. Não tem quem o iguale, mesmo em dimensão universal. Só o marginalismo da língua portuguesa e o desconhecimento da literatura brasileira impediram que fosse assim reconhecido. O Brasil perde muito e o mundo não sabe quem perdeu.²

Tradução

Ainda que concorde que muito perdemos, pois um artista é sempre caso único numa cultura, sei também que a semente cabralina está bem plantada, e como disse Gilberto Gil, o “drão” tem que morrer pra germinar, ressuscitar no chão. E a obra do poeta pernambucano vem renascendo, desde o trabalho solitário dos concretistas que, aliás, sempre afirmaram a filiação ao poeta do rigor, João Cabral de Melo Neto. E por que o rigor? Porque uma casa não se faz sem um desenho, uma vida não se traça sem as linhas. E João Cabral foi o grande arquiteto de uma metrópole, invisivelmente concreta, chamada POESIA.

² Caderno Mais! *Folha de S. Paulo*, 17.10.1999.